

DIÁRIO DA QUEDA: TRAUMA E MEMÓRIA NA NARRATIVA CONTEMPORÂNEA

JEHNIFER PENNING¹; HELANO JADER CAVALCANTE RIBEIRO²

¹Universidade Federal de Pelotas – j-penning@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – hcribeiro@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende discutir a presença do trauma e da memória na obra de Michel Laub, intitulada *O Diário da Queda*. O livro, publicado em 2011, narra a história de três gerações: o avô, o pai e o filho/neto e o enredo baseia-se no fato de que uma existência acaba por influenciar a outra, sobretudo aquela que passou pelo trauma de um campo de concentração. O trauma, quando reprimido, não desaparece, defende LaCapra (2009), mas, sim, volta transformado, disfarçado ou desfigurado. Nesse sentido, questionamos: é, na obra em análise, o trauma *um muro intransponível*? Ademais, tencionamos também dissertar a respeito da memória no sentido de refletir sobre a necessidade, ou não, de rememorar. Assim sendo, dividimos o presente trabalho em três seções: a primeira falará da memória e a segunda sobre trauma.

É da sabedoria de todos que a teoria é parte crucial em uma pesquisa e, para embasar nossos estudos, recorremos à teoria de LACAPRA (2009), o qual nos falará a respeito do trauma. AGAMBEN (2008) fez-se igualmente importante, considerando suas colocações sobre o testemunho. Para discorrer acerca da noção de trauma, precisamos utilizar-nos, sem dúvida, de FREUD apud FAVERO (2009) e MENDONÇA (2006). Ainda, buscamos a teoria de BENJAMIN (2012) e de SELIGMAN-SILVA (2000).

Em síntese, conduzimos nossa pesquisa pensando no trauma como o responsável por um *lapsus* na memória. E a memória, por sua vez, tem a capacidade de elucidar os fatos, até mesmo porque, como propõe Benjamin, é com a rememoração que conseguimos uma chave para o que veio antes e depois.

2. METODOLOGIA

A partir dos questionamentos levantados nessa pesquisa em torno da questão de trauma e memória desenvolvemos nossa pesquisa. Assim, apresentado o objeto, a metodologia prevista contou com encontros periódicos entre orientador e orientanda e com uma pesquisa bibliográfica que inclui as referências teóricas citadas na seção introdutória deste resumo expandido. Depois do cotejo entre obra literária e teoria, iniciou-se a escrita de artigos que visem a apresentação em eventos da área e a publicação em revistas científicas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

É complexo falar de memória e relacioná-la a um evento traumático, acima de tudo, se tal acontecimento refere-se a Auschwitz. Entretanto, o que se nega ou se reprime no *lapsus* da memória não desaparece, mas volta, às vezes, disfarçado, desfigurado ou transformado. (LACAPRA, 2009) Sem refletir sobre a memória não é possível superar o trauma, e é isso que acontece com a

personagem do avô em *Diário da Queda*. Diz o narrador: “meu avô não gostava de falar do passado. O que não é de estranhar, ao menos em relação ao que interessa: o fato de ele ser judeu, de ter chegado ao Brasil num daqueles navios apinhados”. (LAUB; 2011, p. 8)

Para o avô, Auschwitz era a realidade e, embora a guerra tivesse acabado e ele estivesse a muitos mil quilômetros de distância do lugar em que aconteceram as experiências traumáticas, a vida para ele se resumia àquilo; não havia antes de Auschwitz e depois de Auschwitz, sua vida era Auschwitz. Desse modo, para o avô, o trauma transformou-se em um muro intransponível e evidenciou a incapacidade de ultrapassar a barreira que impôs o acontecimento traumático. “E resta apenas um tipo de lembrança que vem e volta e pode ser uma prisão ainda pior que aquela onde você esteve”. (p. 8)

Com a ruptura produzida pelo trauma, a personagem do avô não pode rememorar o que aconteceu, e, por conseguinte, não desprendeu-se do trauma¹⁰ e, tudo em que pensava, levava-o, ainda que inconscientemente, para a dura realidade de Auschwitz, e, assim, inevitavelmente, transferiu para seus descendentes esse mesmo peso. Nas palavras de SELIGAMANN-SILVA (2000), “a literalidadé árida da experiência do *Lager*¹¹ é, eu repito, resultado da experiência da morte”. (p. 94)

Como suscita LACAPRA (2009),

mencionaría para comenzar dos conjuntos urgentes de razones para el giro a la memoria y su relación con la historia. Primero, está la importancia del trauma, incluyendo sobre todo la demora en el reconocimiento de la significación de la serie traumática de acontecimientos de la historia reciente, acontecimientos que prefiriríamos olvidar.¹³ (LACAPRA; 2009, p. 21)

Depreendemos da passagem a imediata tarefa de cultivar a memória. Sobretudo, para poder superar esse trauma, que enquanto humanidade, diz respeito a todo ocidente. Devemos reconhecer a *Shoah*¹ como uma série traumática, diz LACAPRA (2009). Conforme SELIGMANN-SILVA (2000) não há mais nada cruel, na história, do que o massacre que se deu nos campos de concentração.

O narrador conhece seu avô a partir dos dezesseis cadernos escritos por ele. Sabe-se que esse senhor passou os últimos anos de sua vida escrevendo nesses diários. Quando os encontraram, a expectativa é que estivessem, ali, inscritas coisas pessoais sobre seu passado, sobre o árdua realidade de ser um judeu que vivia na Alemanha de Hitler. Porém, nesses cadernos não havia uma sequer menção ao que passou; nada. Lendo os cadernos, não há como saber algo a respeito do passado do avô; mas, se houver atenção na leitura, há como descobrir marcas que demarcam toda a escrita, que eram nada menos do que verbetes de *como o avô gostaria que a vida fosse*.

Enfim, o narrador reconhece que não há como não haver influências do avô para o seu pai, e do seu pai para si mesmo. “Não há como ler as memórias do meu pai sem ver nelas o reflexo dos cadernos do meu avô”. (LAUB; 2011, p.132) No romance, o pai do narrador descobriu uma doença degradante: Alzheimer. A partir de então, passou a escrever cadernos, memórias; e o narrador se pergunta “meu pai escreve as memórias com um objetivo, como um recado sobre algo que nunca tinha conseguido dizer ao longo de quarenta anos?”. (Idem)

¹ *Shoah* é uma palavra bíblica que significa calamidade e tornou-se o termo hebraico padrão, já em 1940, para referências ao Holocausto.

Ele acreditava que sim. Assim, voltamos a ideia inicial, defendida por LACAPRA (2009): o trauma acaba por afetar a todos que estão à volta.

4. CONCLUSÕES

Em síntese, concluímos a respeito da memória na narrativa que ela se faz extremamente importante para que as personagens possam superar os seus traumas e repensar o seu passado. As personagens principais, que tinham em comum um familiar muito próximo vitimado em Auschwitz, puderam, a partir de um exercício de rememoração e reconstruir sua visão do avô e repensá-lo de outra forma e não somente como vítima da mais terrível atrocidade que demarcou o trágico século XX.

Igualmente, é através da memória, em uma perspectiva benjaminiana, que se pode elucidar o que veio antes e o que veio depois. Também é preciso que se remembre para evitar que o que aconteceu caia simplesmente no esquecimento. Como temos no romance em questão, “em trinta anos será quase impossível achar um ex-prisioneiro de Auschwitz. Em sessenta anos será muito difícil achar um filho de ex-prisioneiro de Auschwitz”.

Buscando responder a pergunta que suscitamos no início do estudo, dizemos que em muitos momentos o trauma sim, torna-se um muro intransponível. Na narrativa, o avô não conseguiu superá-lo. Entretanto, podemos dizer que seu filho o conseguiu, quando decidiu por escrever suas memórias e optou por contar tudo como havia realmente sido em sua vida, a fim de fazer uma espécie de *balanço* de tudo que havia passado, contando sobre tudo que habitava o seu interior. É nesse sentido, de acordo com a psicanálise de Freud, que conseguimos superar o trauma: a partir da ab-reação. Ab é um sufixo que indica *fora*, ou seja, reagir *para* fora, libertando-se do que o reprime.

O narrador do romance, por sua vez, também conseguiu superar os acontecimentos traumáticos, quando decidiu repensar tudo a respeito de seu passado e tentar explicar tudo o que havia acontecido com sua família. Ele conseguiu entender que uma vida está ligada à outra; que uma vivência influencia a outra. Um bom exemplo para isso mostra-se na própria formatação da obra: o narrador divide os escritos em capítulos e, por exemplo, no capítulo em que nomeia *Algumas coisas que sei sobre o meu avô* ele fala não somente do avô, e sim de si mesmo e de seu pai, e de sua juventude. Assim podemos interpretar que, por saber o que sabia sobre o seu avô, o seu jeito de ser e também os que dividiam com ele essa mesma memória, eram induzidos pelo que tinham conhecimento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz:** o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III). São Paulo: Boitempo, 2008.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. _____ . – (Obras Escolhidas v. 1) – 8ª ed. revista – São Paulo: Brasiliense, 2012.
- FAVERO, Ana Beatriz. **A noção de trauma na psicanálise.** 2009. 207f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- LACAPRA, Dominick. **Historia y memoria después de Auschwitz.** – 1ª ed. – Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009.
- LAUB, Michel. **Diário da Queda.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- MENDONÇA, Marinella M. de. **As incidências da repetição no corpo, pela via da dor.** 2006. n/i. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. A história como trauma. In: **Catástrofe e representação:** ensaios. – p. 73-98 – Arthur Nestrovski, Márcio Seligmann-Silva (orgs.) – São Paulo: Escuta, 2000.